

## O DILÚVIO. BREVE ENSAIO DE HISTÓRIA COMPARADA:

por Mário R. de Sousa Cunha  
(estudante)

Ainda hoje falar de dilúvio significa para a grande maioria das pessoas falar de Noé, da arca, da ira de Deus, enfim, da Bíblia. Mas não é só. Evocar o dilúvio é pois falar na Bíblia, mas quando o fazemos, convém termos presente no nosso espírito, que para lá da Sagrada Escritura existe uma outra tradição, em quase tudo semelhante mas velha, antiga. Tradição que ultrapassa no tempo em larga medida, o período de formação do Pentateuco, do livro de Genesis e da própria Nação Judaica. Tradição que nos transporta muito atrás no tempo, até junto dos Sumérios, lá longe, na "terra entre os dois rios" até à Mesopotâmia, ao nascimento da escrita e aos alvares da civilização.

Tradição que chegou até nós por via da Assurbanijal, Rei do Mundo, da Assíria, grande conquistador, senhor de vasto império e também considerável literato. Assim, quando no séc. VII a.c., o escriba que fundiu para o acádico a sua língua materna, velhas histórias de uma grande inundação, estava a passar-nos o testemunho: dava-nos o poema épico de Gilgamesh, uma história antiga, uma fábula dos dias do dilúvio. É a narrativa da vida de Gilgamesh, senhor de Kullab, filho da deusa Ninsum (1) e rei de Uruk (durante 126 anos) herói que aspira à eternidade. Pelo poema ficamos a conhecer a saga de um homem diferente: Utnajishtim, Utanajishtim, ou como diriam os Sumérios Zinsudra. Foi o único mortal que escapou à funesta divindade, que ganhou o dom da vida sem fim. Até ele, acorrerá Gilgamesh, filho de uma deusa, mais divino que humano, em busca da imortalidade. Mas voltará sem nada. Consigo apenas um segredo dos deuses que Utnajishtim lhe confiou: a história do dilúvio (2).

Gilgamesh viu-se na realidade traído pela sua parte de homem, pois não conseguiu ele, que viajara até tão longe em busca de Utnajishtim, triunfar nas provas que este lhe propôs... "Basta" disse-lhe ele — "resistires ao sono seis dias e sete noites"... Mas enquanto Gilgamesh estava ali sentado, descansando sobre as ancas, passou sobre ele uma névoa de sono..." Mas ainda assim Utnajishtim mostra mais uma vez simpatia para com os esforços do herói rei de Uruk..."eu te revelarei uma coisa secreta, é um mistério dos deuses que te conto. Existe uma flauta que cresce debaixo de água, que tem espinhos como uma silva, como uma raposa; ela te ferirá as mãos, mas se a conseguires apanhar então, terás nas mãos o que devolve ao homem a juventude perdida".

Deixando Utnajishtim, o herói desceu às águas mais fundas em busca da flauta e conseguiu-a. Mais tarde, quando se banhava, uma serpente "sentiu a suavidade da flor. Saltou para fora de água e apoderou-se dela" "logo mudou de pele..." (3).

De regresso a Uruk, esgotado em trabalhos, gravou numa pedra toda a história"... "mas estava cumprido o destino que o pai dos deuses Eulil (4), decretara para Gilgamesh"... "foi-te dada a realeza, tal era o teu destino, a

vida eterna não era o teu destino". De regresso a Uruk, tinha pois, Gilgamesh, que completar o seu fado.

Ao ler esta epopeia de Gilgamesh, deparamos com uma frescura, uma vivacidade, com uma imaginação palpitante (que verdadeiramente é para envergonhar os melhores talentos literários de hoje). Uma história singela, que terá sido redigida por meados do 3º milénio antes de Cristo (5), mais de 1500 anos antes da Ilíada e 4500 anos antes de nós, encarnando certamente uma tradição muito mais antiga, que certamente se prolonga até aos finais do 4º milénio: o dilúvio.

Mas será que houve o dilúvio?

Pensamos que depende. Depende daquilo que estiver no nosso espírito quando falamos em dilúvio. Se lermos o termo "dilúvio Universal" a luz dos conhecimentos geográficos de hoje, ver-nos-emos confrontados com umas situações bastante ridículas (6). Mas limitemos o alcance do nosso conceito de "universal", introduzamos-nos no âmbito de uma geografia Bíblica, dentro do pensamento e das mentalidades coevas, e aí sim, podemos admitir que houve um dilúvio no passado que foi universal. Afinal não era, e isto no séc. VII a. c. conhecido Assurbanifal também, como Rei do Mundo? Rei do Mundo de então, Mundo para aqueles que o habitavam e que só a ele conheciam, e que só nele imaginavam ser possível viver.

Dáí, não nos custe nada admitir que em data remota terá havido uma considerável inundação na terra dos dois rios, inundação essa que, pelos danos causados marcou duma forma imperecível os homens do tempo, e que o correr dos séculos tornou maior, mais terrível, mais avassaladora. A inundação transformou-se em dilúvio.

E, neste ponto, importa referir o testemunho da ciência arqueológica: Escavações realizadas mostram-nos que por fins do 4º milénio a.c. terá havido uma série de grandes inundações, com danos terrivelmente grandes quer para homens, quer animais e bens (7).

Paralelamente, não deixa de ser curioso apontar a tradição das listas reais de Ur, que colocam o início da primeira dinastia pós diluviana, desta cidade por volta do ano 3100 a. c.

Finais do 4º milénio a. c.. A concordância é elucidativa.

Após esta problemática, aqui só brevemente afluída, debrucemo-nos um pouco sobre os textos: sobre a saga de Utnajishtim, filhon de Ubara-Tutu. Debrucemo-nos também um pouco sobre a história de Noé. Ambos sobrevividos de um dilúvio, num barco, com a semente de toda a vida, não serão eles afinal o mesmo herói? Não serão eles o fruto de uma mesma tradição?

Mas porquê o dilúvio? O problema é posto logo no começo, de um modo muito semelhante, em ambas as narrativas:

"Naqueles dias o mundo populava,  
o mundo mugia como um touro selvagem  
e o grande deus foi despertado pelo clamor.  
Euilil ouviu o clamor e disse aos deuses  
/reunidos em conselho:

O tumulto da humanidade é intolerável  
E já não é possível dormir com esta confusão.  
E assim, os deuses concordaram em exterminar  
/a humanidade.

O senhor reconheceu que a maldade dos homens era grande na terra, que todos os seus pensamentos e desejos tendiam para o mal.

O Senhor arrependeu-se de ter criado o homem sobre a terra, e o seu coração sofreu amargamente. E o Senhor disse: "Eliminarei da face da terra o homem que Eu criei e, juntamente com o homem, os animais domésticos, os répteis e as aves do céu, pois estou arrependido de

/os ter feito.  
(Gn 6,5-8)

O problema é-nos posto de duas maneiras. Tendo por base a multiplicação dos homens, o poema de Gilgamesh, dá-nos uma explicação anedótica "já não é possível dormir" (queixam-se os deuses), para ter ocorrido um dilúvio, ao passo que na Bíblia é porque o mal grassa entre os homens. Estes tendem sempre para a maldade, quer em pensamento, quer em desejos.

É para esse mal, o autor Sagrado encontra uma explicação:

Quando os homens começaram a multiplicar-se sobre a terra, e deles nasceram filhas, os filhos de Deus vendo que as filhas do homem eram belas, escolheram entre elas, as que bem quiseram para mulheres. Então o Senhor disse: "O Meu espírito não permanecerá indefinidamente no homem, pois o homem é carne, e os seus dias não ultrapassarão os centos e vinte anos"

(Gn 6, 1-4)

Os filhos de Deus uniram-se às filhas dos homens. É esta, para o Autor Sagrado, a razão do mal, porque por isso, Deus abandonou o homem (8).

Como já vimos os deuses e Deus, decidiram decretar o fim da Humanidade. Mas...

Enlil o fez, mas Ea, (9) por causa do seu juramento avisou-se num sonho...

Noé porém achou graça aos olhos do Senhor.

(Gn 6,8)

...Ó homem de Shurrujak, filho de Ubara-Tutu;  
destrói a tua casa, e constrói um barco,  
abandona o que possuis e procura a vida,  
despreza a fortuna e faz viver a tua alma.  
Depois mete toda a semente da Vida no  
/interior do barco.

Então Deus disse a Noé:

"O fim de todos (os homens) chegou diante de Mim, pois encheram a terra de iniquidades. Vou exterminá-los, assim como à terra. Constrói uma arca de madeiras resinosas. Dividi-la-ás em compartimentos e calafetá-la-ás por fora e por dentro.

(Gn 6,13-15)

Nisir ficou seguro e não se mexeu durante o terceiro dia...

...Quando o sétimo dia despontou, soltei uma pomba e deixei-a ir. Ela voou, mas não encontrando lugar onde pousar, voltou. Soltei um corvo, ele viu que as águas se tinham retirado, comeu, voou à volta e não voltou.

No dia dezassete do sétimo mês, a arca pousou sobre os montes de Ararat. As águas foram decrescendo até ao décimo mês. No primeiro dia do décimo mês, emergiram os cumes das montanhas.

Decorridos quarenta dias, Noé abriu a janela que havia feito na arca e soltou um corvo que saiu repetidas vezes enquanto iam secando as águas sobre a terra. Depois soltou uma pomba a fim de verificar se as águas tinham diminuído à superfície da terra. Mas, não tendo encontrado sítio para pousar a pomba regressou à arca, para junto dele, pois as águas cobriam ainda a superfície da terra. Estendeu a mão, agarrou-a e meteu-a na arca. Aguardou sete dias, depois soltou novamente a pomba que voltou para junto dele à tarde, trazendo no bico uma folha verde de oliveira. Noé soube então que as águas tinham baixado sobre a terra. Aguardou ainda mais sete dias, depois voltou a soltar a pomba, mas desta vez, ela não regressou mais para junto dele.

(Gn 8, 4-12)

Então, abri tudo (fiz sair tudo) aos quatro ventos...

Noé abriu o tecto da arca e viu que a superfície da terra estava seca.

(Gn 8, 20-21)

Novamente os dois textos confluem através de pequenas diferenças e grande semelhança para um mesmo fim...

...fiz um sacrifício e derramei uma libação no alto da montanha. Sete e mais sete incensadores coloquei nos seus suportes, empilhei madeira e juncos, e cedro e mirto. Quando os deuses sentiram este suave odor juntaram-se como se fossem moscas sobre o sacrifício.

Noé construiu um altar ao Senhor e de todos os animais puros e de todas as aves puras, ofereceu holocaustos no altar. O Senhor sentiu o agradável odor, e disse no seu coração...

(Gn 8, 20-21)

Por aqui concluímos que o Senhor, tal como os deuses da epopeia de Gilgamesh, também não resistiu ao suave odor do holocausto, e reconhecendo que no homem as tendências do coração são mais por natureza, não voltará a castigar os seres vivos como o fez.

E termina prometendo:

...Enquanto subsistir a terra, haverá sempre a sementeira e a colheita, o frio e o calor, o Verão e o Inverno, o dia e a noite".

(Gn 8, 22)

Deus estabelece aqui o princípio da oposição entre as coisas (Sementeira, colheita; frio, calor; Verão, Inverno, Dia, noite). O mundo encontra-se estruturado sobre uma luta de contrários, luta essa que é no fundo, entre dois princípios: o do Bem e o do Mal. O homem é por natureza mau, no entanto o discurso de Deus é elucidativo: o homem também tem coisas boas.

Então Deus abençoou o homem. Selou com ele uma aliança.

Deu-lhe o poder sobre todas as coisas, mas impõe a Humanidade um compromisso: o de não comer a carne com o sangue, e de não derramar o sangue dos irmãos.

Por fim, o arco de Deus surge nas nuvens, simbolizando a sua aliança com a Humanidade. (Gn 9, 1-17).

A partir daqui, os rumos das duas narrativas separam-se.

Na Bíblia, após a aliança, sabemos que foi Noé quem descobriu a vinha (Gn 9, 20). Sabemos ainda que amaldiçoou com seu filho e que abençoou em contrapartida sem (16).

A narrativa Bíblica encerra aqui a história do herói do dilúvio, dizendo que Noé morreu com 950 anos, o que temos que reconhecer, constitui uma bonita idade para um tão grande aventureiro.

Com Utnajishtim, já não ocorre o mesmo. Isto porque...

Quando Eulil chegou e viu o barco, ficou

/furioso,

E inflamou-se de cólera contra os deuses, o exército do céu:

"Escapou algum destes mortais? Nem um deveria sobreviver à destruição".

"Agora reuni o conselho sobre o que se deve  
/fazer dele".

Então Eulil foi para o barco, pegou-me pela mão, e à minha mulher, e fez-nos entrar no barco e ajoelhar um de cada lado, ele no meio de nós. Tocou as nossas frentes para nos abençoar, dizendo:

"No passado, Utnajistim foi um homem mortal; e a partir de agora Utnajishtim e sua mulher,

que sejam iguais a nós os deuses. Que ele habite, Utnajishtim, longe na embocadura dos rios". Eles pegaram em mim e longe na embocadura dos rios me fizeram habitar.

DA TABLETE XI (17) (18)

Por ter sido colocado a viver uma vida eterna longe, Utnajishtim, tem o epíteto de "o longínquo". O seu nome, é frequentemente traduzido por "aquele que viu a vida", pois esta foi-lhe concedida para toda a eternidade, lá longe, no País de Dilmum (19), onde, segundo os Sumérios, nasce o Sol.

## NOTAS

1. A mãe de Gilgamesh. Uma deusa menor. Habitava Uruk e era grande a sua sabedoria. Era esposa de Lugulbanda.

2. Em 1914 Arno Poebel publicou um fragmento pertencente a um bloco Sumério que continha uma narrativa do dilúvio. Infelizmente não existe o texto completo (cf. infra nota 18).

3. Ordena-se aqui o mundo natural. A épopeia de Gilgamesh, tal como a Bíblia são narrativas míticas, que pretendem ordenar logicamente um mundo complexo. Porque mudam as cobras de pele questionariam os antigos. É porque são imortais, diz-lhes o mito, e explica-lhes anedoticamente o porquê.

4. Deus da terra, do vento, do ar, e mais tarde do espírito. Executor das vontades de Anu. Era filho de An e de Ki (o céu e a terra), entre os Sumérios. Era o protector de Niffur.

5. Não há exactamente unanimidade de vozes a respeito desta data. Frank Michaeli sugere o ano 2000 a.c., o que significa em relação à data antes apresentada, uma diferença de 500 anos.

6. Houve arqueólogos que chegaram a escavar no monte Ararat, em busca de restos da arca de Noé. Note-se que o cume do monte Ararat ultrapassa os 5000 metros.

7. As escavações sugerem uma grande inundação rondando o ano 3000 a.c., na terra entre os dois rios.

8. Quem são os filhos de Deus? Autores há, que bem conhecemos, diriam serem seres extraterrestres. Mas fazendo uma análise, ter ideias pré-concebidas, podemos afirmar, que estes filhos de Deus, mais não são na pena do Autor Sagrado, que escreveu por volta dos séculos VI-VII a.c. (ainda que sobre tradições mais antigas, que vão até ao século X a.c., sob a forma escrita e ainda mais longe no tempo sob a forma oral), mais não são, dizíamos, que os adoradores do Deus único. São as filhas dos homens, os seguidores dos deuses pagãos.

O Autor Sagrado é claro: condena os casamentos mistos, que segundo ele estiveram na base do dilúvio e dos males que assolaram a humanidade então. Ele fala dum problema que era actual que afligia o Povo Eleito, e que deste modo, moralizante conseguia atingir melhor o seu fim aos olhos do mesmo Povo.

9. Deus das águas doces, da sabedoria. Era o protector das artes, um dos criadores da Humanidade, e tal como prometeu bastante favorável à mesma. Predominava em Eridu. Vivía nas profundidades. É talvez filho de Anu.

10. Aquando da redacção definitiva, deparou o Autor Sagrado (é mais correcto falar de Autores Sagrados, pois qualquer texto Bíblico é fruto de uma escola e não de um indivíduo) com duas tradições diversas. Foram ambas mantidas, e integradas no texto bíblico. Assim, falando dos animais...

— Gn 6, 19 diz-nos que foram levados para bordo dois animais de cada espécie.  
— Gn 7, 2 por sua vez fala-nos em 7 pares de animais puros e um par de cada espécie de não puros.

11. É o Sol. Os Sumérios davam-lhe o nome de Utu. Era para eles o juiz, o legislador, embora também tivesse poderes sobre a fertilidade. Os Semitas viam nele o filho de Sin (Nanna, para os Sumérios) A lua. Shamash era superior ao pai. Era representado com a serra que corta as decisões. Nos poemas quando se fala de Shamash, tanto se pode pretender falar do Sol como do deus. Ainda sobre Sin: era o pai de Ishtar, irmã e esposa de Shamash. Os pais de Sin, eram Eulil e Ninlil, que era a deusa do céu, da terra e do ar, e ainda do mundo subterrâneo. Eram adorados em Niffur.

12. Só que a Bíblia não se refere a nenhum timoneiro.

13. É, claro está, o Urano mesopotâmico. Era o pai dos deuses, o deus do firmamento, o que estava lá no alto. Tal como entre os helenos, com o deus Urano, o seu nome (em Sumério, An) também designa o céu.

14. Os Sumérios chamavam-lhe Irranna. Era a deusa do amor, da fecundidade e também da guerra. Chamavam-lhe a Rainha do Céu. Era a protectora de Uruk, onde possuía um templo. Como já vimos, era casada com o seu irmão Shamash.

15. Reparemos agora em dois pormenores muito importantes:

— É muito frequente também no poema de Gilgamesh, o uso de fórmulas sa-  
báticas (7 dias são referidos diversas vezes). Isto vem pois, por ainda mais em  
relevo a afinidade existente entre estas culturas ou seja, aquela que se encon-  
tra subjacente dos detrás da obra que ora analisamos, e a que gerou a Bíblia.  
Cabe perguntar:

— será influência cultural pura e simples, ou antes, antecedentes culturais que  
já vem na tradição dos povos semitas.

— ainda falando da tradição: na Bíblia, o Senhor modelou o homem em barro.  
Morta a Humanidade, no nosso poema voltou a ser barro, transformou-se  
em barro, afinal de contas, a sua matéria primordial.

16. Cam, é o antepassado dos Camaneus. Sem é o antepassado dos Semitas,  
portanto dos filhos de Israel, inclusivé. É nítida a tentativa por parte do  
autor sagrado de mostrar que a terra de Israel (Canaã) já lhe pertencia por  
direito, muito antes ainda dos tempos de Abraão, Isaac e Jacob, e das pro-  
messas que o Senhor sucessivamente estabeleceu com estes patriarcas, desde  
os tempos de Noé. Este ao amaldiçoar Cam, fá-lo em favor de Gem. Deus  
ao prometer a terra de Canaã à descendência de Israel, está a negá-la à des-  
cendência de Cam e a reafirmá-la à posterioridade de Sem.

17. Para esta transposição da saga de Utnajishtim, utilizamos o texto  
traduzido em português in "**A epopeia de Gilgamesh**" col. Páginas de Sempre,  
Ed. António Ramos, pag. 87-97. Também nos servimos do texto em francês  
da obra de Frank Michaeli "**Textes de la Bible et de l'Ancien Orient**" col.  
Cahiers de Archeologie Biblique nº 13, Ed. Delachaud et Niestlé, Neuchatel,



Suiça 1961, pag. 16-23, para suprir as faltas e erros da edição Portuguesa infelizmente bastante poetizada.

18. Os textos de que nos servimos datam do séc. VII a.c. ainda que cópias de trabalhos muito mais antigos.

Pensamos que seria interessante transcrever um bocadinho do texto Sumério, relativo a esta última parte:

Zinsudra, o rei,  
Prosternou-se perante An e Eulil.  
An e Eulil trataram Zinsudra com ternura,  
Vida como a um deus lhe deram;  
Respiração eterna, como a um deus, lhe ofereceram.  
Então, Zinsudra, o Rei,  
O preservador do nome e da semente da humanidade  
Na terra da encruzilhada, a terra de Dilmun, o lugar onde o Sol nasce  
Fizeram-no morar.

Transcrito da obra de Samuel Noah Kramer, **A História começa na Suméria** col. Estudos e Documentos, Publicações Europa-América, Lisboa 1963.

19. A terra de Dilmun é o paraíso. Os antigos situavam-no no Golfo Pérsico.

## BIBLIOGRAFIA

**Bíblia Sagrada**, Difusora Bíblica, 8ª edição, Lisboa 1978

**A epopeia de Gilgamesh**, col. Páginas de Sempre, Ed. António Ramos, Lisboa 1979

Mircea Eliade, **Tratado da História das Religiões**, Col. Coordenadas Ed. Cosmos, Lisboa 1977.

Leonard Wolley, **Les Sumeriens**, Payot, Paris 1930.

Frank Michaeli, **Textes de la Bible et de l'Ancien Orient**, Cahiers d'Archeologie Biblique n° 13, Delachaux et Niestlé, Neuchatel (Suisse), 1961.

Samuel Noah Kramer, **A História começa na Suméria**, col. Estudos e Documentos, Publicações Europa-América, Lisboa 1963.

José Péjoan, **História do Mundo**, vol. I, publicações Alfa 1973.